



Wilson Roberto Rodrigues

EXÉRCITO BRASILEIRO



A História que os Selos Contam





Wilson Roberto Rodrigues é natural de São Paulo-SP, com raízes em Bauru, no interior do Estado. Estudou na Academia Militar das Agulhas Negras, Instituto Militar de Engenharia e fez Mestrado em Educação Matemática na PUC-SP. Construiu sua vida profissional servindo em quatro Unidades de Engenharia do Exército Brasileiro, sendo duas na Amazônia. Foi também Instrutor do Curso de Engenharia na AMAN e professor da Escola Preparatória de Cadetes do Exército por 23 anos. É Membro da Academia Campineira de Letras, Ciências e Artes das Forças Armadas.

Esta obra é resultado da junção de três de suas afinidades: o amor e gratidão ao Exército de Caxias; a prática da filatelia, que o acompanhou ao longo da vida e, mais recentemente, do gosto por escrever, adquirido na maturidade.

Wilson Roberto Rodrigues

Exército Brasileiro

A História que os Selos
Contam

Edição do autor
Campinas/SP
2026

Copyright © by **Wilson Roberto Rodrigues** - 2026

Capa e Diagramação: Marcos Della Porta

Versão Digital: Jefferson Biajone

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rodrigues, Wilson Roberto

Exército brasileiro : a história que os selos
contam / Wilson Roberto Rodrigues. -- Campinas, SP :
Ed. do Autor, 2026.

Bibliografia

ISBN 978-65-02-29262-4

1. Colecionadores e colecionismo 2. Exército
brasileiro 3. Filatelia 4. História militar
5. Selos - Coleções - Brasil 6. Selos postais -
Brasil I. Título.

26-385707.0

CDD-769.5630981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Filatelia 769.5630981

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Contato: wrodrigues55@gmail.com

Todos os direitos reservados. A reprodução total ou parcial desta obra sob
quaisquer meios existentes, sem a expressa autorização do autor, constitui
violação dos direitos autorais (Lei nº9.610).

A meus netos:

João

Davi

Alice

Julia

Sumário

Prefácio	9
Apresentação	13
UM MENSAGEIRO CHAMADO SELO	19
GUARARAPES	23
CAXIAS.....	25
PATRONOS DAS ARMAS, QUADROS E SERVIÇOS	31
A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (FEB)	39
A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA E OS PRESIDENTES MILITARES.....	47
MILITARES E FATOS QUE FIZERAM HISTÓRIA	55
ESCOLAS MILITARES	61
GRANDES UNIDADES E UNIDADES HOMENAGEADAS	69
O SERVIÇO MILITAR OBRIGATÓRIO	75
NAÇÕES AMIGAS E OPERAÇÕES DE PAZ	77

BRAÇO FORTE, MÃO AMIGA.....	79
SELOS PERSONALIZADOS E INSTITUCIONAIS	83
CONCLUSÃO	89
Bibliografia.....	91

Prefácio

A presente obra - Exército Brasileiro: a História que os Selos Contam - de autoria do Coronel Wilson Roberto Rodrigues, constitui contribuição singular à preservação da memória nacional, ao reunir, com rigor e sensibilidade, elementos visuais e narrativos que retratam a trajetória do Exército Brasileiro por meio da filatelia.

Como sabemos, os selos não servem apenas para registrar datas e valores postais. Além dessa função explícita, eles comemoram feitos, homenageiam heróis e eternizam momentos. No caso particular do Exército Brasileiro, muitos selos foram emitidos para marcar centenários de batalhas, aniversários de unidades militares, homenagear patronos e figuras históricas, relembrar missões de paz e operações internacionais e comemorar eventos cívico-militares.

Ao longo das décadas, os selos postais têm desempenhado papel relevante na documentação

simbólica dos grandes marcos da história brasileira. Mais do que instrumentos de franqueamento, são testemunhos gráficos de valores, feitos e personagens que moldaram a identidade nacional. Neste contexto, o Exército Brasileiro, instituição secular e pilar da soberania nacional, encontra nos selos uma forma de expressão que transcende o papel e alcança o imaginário coletivo.

Este livro oferece ao leitor uma oportunidade rara de contemplar a evolução da Força Terrestre brasileira sob uma perspectiva estética e documental. Cada selo apresentado é acompanhado de uma contextualização histórica que enriquece sua compreensão e revela os múltiplos significados por trás de suas imagens, datas e homenagens.

Cada selo apresentado nesta obra é na verdade um fragmento da memória nacional, com elementos visuais que remetem a uniformes, brasões, armamentos, mapas e datas. Eles contribuem para educar o público sobre a história militar, preservar a identidade institucional do Exército, promover o civismo e estimular o respeito pelas Forças Armadas.

A iniciativa de reunir esse acervo e organizá-lo com critério técnico e respeito à tradição demonstra o compromisso do autor com a valorização da cultura, da História e da educação cívica. Trata-se de uma obra que dialoga com estudiosos, colecionadores, militares e cidadãos interessados em compreender, por meio da arte postal, os caminhos percorridos pelo Exército na construção do Brasil.

O Coronel Wilson é Oficial de Engenharia formado pela Academia Militar das Agulhas (AMAN) em 1977 e

graduado em Engenharia de Fortificação e Construção pelo Instituto Militar de Engenharia (IME) em 1985. Kursou especializações em ensino de Matemática e de Informática e é Mestre em Educação Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Foi durante muitos anos Professor das disciplinas de Desenho e Matemática na Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEEx), onde encerrou sua carreira.

Certamente a formação do autor, de cunho eminentemente matemático, pode ter tido forte influência no seu estilo literário, caracterizado pela precisão das palavras e expressões empregadas. Mesmo assim, contrariamente ao que se poderia esperar nessas circunstâncias, o texto por ele produzido não adquire um caráter maçante e repetitivo. Longe disso, a leitura é agradável e de fácil assimilação.

Que esta leitura inspire o reconhecimento da importância da memória visual como ferramenta de preservação histórica e fortaleça o apreço pelas instituições que, ao longo do tempo, têm contribuído para a defesa e o desenvolvimento da nossa querida nação.

Parabéns, Coronel Wilson, pelo belíssimo trabalho realizado.

Campinas, SP, 13 de setembro de 2025.

Gen Ex R1 Décio Luís Schons

Presidente da Associação de Ex-Alunos e Amigos da
EsPCEEx

Apresentação

Colecionar selos é uma atividade fascinante. Talvez cause estranheza aos não praticantes e seja difícil compreender o fascínio que esses pedacinhos de papel podem exercer sobre alguém a ponto de fazer com que se passe um dia inteiro observando-os, classificando-os, organizando-os, comprando-os, vendendo-os ou trocando-os.

Muita gente associa filatelia a objetos valiosos que aguçam a cobiça entre os colecionadores, mas, na verdade, isso é apenas um aspecto da questão, pois a imensa maioria dos selos tem valor de centavos. Obter um selo que se deseja, às vezes, depois de anos de procura, proporciona uma alegria que não discrimina os selos baratos dos caros.

Lembro-me bem de quando fui contaminado por esse vírus benigno. Certo dia, com mais ou menos 10 anos de idade, vi, em minha casa, um envelope com um selo que me chamou a atenção. Coloquei-o em uma lata

de margarina Delícia, que vinha com uma tampa, e comecei a procurar por outros. Assim começou minha coleção. Outros meninos da rua já colecionavam. Aprendi com eles a lavar os selos para retirar o fragmento. Logo fui apresentado ao Seu Almeida, que morava na rua de trás. A gente batia na casa dele, às vezes, na hora do noticiário da TV Tupi, mas ele, com muita paciência, recebia-nos na varanda, abria um classificador com selos de 5 e de 10 cruzeiros para serem escolhidos. Era dinheiro de chiclete ou sorvete que virava selo. Ele mostrava como se usava a pinça e dava bronca se a gente não levasse um envelope para guardar os selos comprados. Tive vergonha de contar a ele que era numa lata que eu guardava meus selos, quando ele perguntou como eu organizava minha coleção. Tratei de arrumar algo melhor, assim que cheguei em casa.

Foi comprando selos do Seu Almeida que conheci a Série do Trabalho e a Siracusa da Itália, e os D. Diniz de Portugal, que eu chamava de "cavalinho". Foram meus primeiros selos estrangeiros. No Brasil, nessa época, os selos regulares que circulavam eram os da Série Bisneta.

Por volta de 1966 o Clube Filatélico e Numismático de Bauru era bem ativo e Seu Almeida, divulgador da filatelia para a criançada, convidou-nos a participar. As reuniões eram aos sábados à tarde, em que compareciam alguns meninos e alguns senhores sexagenários, (hoje me recuso a chamá-los de velhinhos, como eu fazia antigamente). Eram pessoas cultas da cidade e só ouvir a conversa deles, vê-los apreciando nossos álbuns e dando sugestões, já era motivo de incentivo e aprendizado. Às vezes ganhávamos também alguns selos de presente ou em

sorteios. Outro participante do clube era Seu Manoel, que tinha uma loja de revistas com cabines telefônicas para ligações interurbanas. Ele também vendia material de filatelia. Foi dele que comprei uma pinça e um álbum que tenho até hoje.

Agora entendo por que só havia crianças e senhores já grisalhos no clube. A filatelia exige tempo, e em algumas fases da vida ele é um artigo de luxo. Foi assim que aos 14 anos deixei minha coleção bem guardada na casa de meus pais e comecei a me preparar para ir para o Exército, estudar, formar-me, casar, ter filhos. Meu álbum, minha pinça e meus selos esperaram pacientemente por tudo isso, até que eu os resgatasse e continuasse do ponto em que parei. Abrir a caixa foi um reencontro com minha história. Parei muitas outras vezes, intervalos de anos, às vezes, tendo tempo apenas para guardar numa caixa os selos que me apareciam. Eu gostava de repetir que isso era investimento para a velhice. Aqui estou, à beira dos 70, conforme minha previsão.

Entre essas paradas e retomadas, vivi 49 anos de vida militar, em que construí uma relação de respeito, amor e, sobretudo, gratidão ao Glorioso Exército Brasileiro, que, ao proporcionar minha formação intelectual e profissional, abriu as portas para todas as conquistas de minha vida. Nos últimos, anos também tomei gosto por escrever crônicas amadoras.

Este texto surgiu da junção dessas três afinidades. Procurei ficar restrito aos selos. Não me estendi a carimbos, folhinhas ou máximos postais, entendendo que o selo é o objeto fundamental da filatelia, pois é ele que viaja aos quatro cantos do mundo levando sua

mensagem. Abri uma única exceção para homenagear minha querida Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEx), que embora, até hoje, ainda não tenha sido contemplada com um selo, recebeu homenagem dos Correios em três ocasiões, em 1990, 1998 e 2005, em carimbos comemorativos.



Assim como a EsPCEx, outras Unidades, personalidades, Patronos e feitos marcantes de nosso Exército também não foram contemplados com selos, em que pese seu grande mérito. Não houve ideia de esgotar o tema História do Exército Brasileiro, que, por sinal, dispõe de farta e competente bibliografia, mas de deixar que os selos relatassem a contribuição que deram à divulgação dessa História.

Este texto não estaria completo sem a leitura inicial e as observações de minha esposa Lúci, a preciosa análise do Cel Carlos Eduardo Gomes de Queiroz, professor da EsPCEx, com considerações no sentido de conferir rigor histórico aos fatos apresentados; a minuciosa leitura do Cel Raul Nelson Reigada Leme, que apontou omissão e detalhe que só sua vasta experiência de professor de História Militar poderiam detectar; a correção metódica e as sugestões enriquecedoras da TC Jane Rodrigues Santos, também professora da EsPCEx; o conhecimento aeronáutico de

meu irmão Luiz Carlos Mari e o apoio de meu amigo Cel Jorge Luiz Pavan Cappellano. À minha esposa e aos queridos amigos, meus mais sinceros agradecimentos pela colaboração e incentivo.

O Autor

UM MENSAGEIRO CHAMADO SELO

ALGUÉM, EM ALGUM LUGAR, ESPERA UMA CARTA SUA. Esta frase estava estampada em letras garrafais na fachada da agência dos Correios de minha cidade que, por sinal, ficava no caminho que eu percorria a pé para ir de casa à estação. O trem me esperava para longos períodos de ausência, amenizados por cartas que traziam consigo o carinho da família que, da plataforma, acompanhava a partida já com acenos de saudade.

As pessoas de minha geração, principalmente, as que deixaram suas cidades para trabalhar ou estudar ainda jovens, tinham na carta o grande momento de recarregar energias. Elas traziam às nossas mãos o próprio toque das pessoas amadas, transmitido pela caligrafia, pelo papel perfumado ou dobrado de forma peculiar, ou por um desenho de próprio punho. Nas Escolas Militares quase todos estavam longe de casa e

o momento da distribuição da correspondência, com a expectativa que o acompanhava, era sempre especial. As cartas também traziam outro elemento de comunicação que será o objeto deste texto: o selo.



Essa forma simples de franquear correspondência foi concebida na Inglaterra em 1840. O Brasil foi o segundo país a adotá-la, três anos depois. A intenção dos idealizadores era criar uma maneira de pagar, antecipadamente, pelo envio da correspondência, evitando prejuízos aos Correios caso as cartas não fossem retiradas e pagas pelos destinatários. Não creio que vislumbassem que estavam criando um poderoso instrumento de comunicação, em que pequenas estampas fixadas aos envelopes percorreriam o mundo com a missão de divulgar as belezas, os feitos e os heróis de seus países. Também não acredito que imaginavam que pessoas viriam a colecioná-los, criando uma das mais fascinantes atividades culturais: a filatelia. Ela aproxima pessoas ao redor do mundo, fazendo o intercâmbio de conhecimento e cultura. Essa atividade resiste inclusive aos avanços tecnológicos. Mesmo com o surgimento de novas formas de franquear correspondência, os países continuam emitindo selos postais, e eles continuam cumprindo seu papel.

Sempre que os Correios emitem um selo, é elaborado também um Edital, que é um documento em forma de folheto, distribuído gratuitamente, que contém a foto, detalhes técnicos, autoria da arte e um texto alusivo ao tema abordado. Esses editais são

importantes fontes de informação e também são objetos colecionáveis. Eles serão citados algumas vezes ao longo deste texto.

Os selos emitidos pelo Brasil refletem toda a nossa História. Se bem observados contêm mensagens que mostram as mudanças de pensamento e valores da sociedade brasileira ao longo do tempo. O Exército Brasileiro, presente em todos os momentos dessa História, aparece em uma grande quantidade de selos emitidos, retratando uma verdadeira relação de parceria com os Correios ao longo dos anos. As duas Instituições, por sinal, têm em comum o fato de marcarem presença em cada palmo de nosso imenso território. Este texto apresenta uma compilação dessas emissões, organizadas de modo a priorizar mais os temas que a cronologia, com a intenção de destacar a parte significativa da História do Exército Brasileiro que os selos contam.

GUARARAPES



A primeira Batalha dos Guararapes, em 19 de abril de 1648, é considerada o marco do surgimento do Exército Brasileiro. Por isso, 19 de abril é o Dia do Exército. Nesse momento de nossa História, pela primeira vez brancos, negros e índios se reuniram em torno de uma única causa, a expulsão dos holandeses, que ocupavam há 19 anos o Nordeste do Brasil, sobretudo Pernambuco. As derrotas dos holandeses nessa primeira Batalha e, posteriormente, na segunda, em 1649, foram os momentos decisivos da chamada Insurreição Pernambucana, que culminou com a completa expulsão dos invasores em 1654.

O tricentenário de Guararapes foi lembrado em 1949 com a emissão de dois selos. Um deles apresenta a imagem da pintura “A Batalha dos Guararapes” de Victor Meirelles e o outro traz a imagem da igreja construída em ação de graças pela vitória alcançada, no alto da elevação que foi palco dos combates. Essa igreja, dedicada a Nossa Senhora dos Prazeres, hoje compõe o cenário do Parque Histórico dos Guararapes na Região Metropolitana do Recife.



Os Heróis de Guararapes voltaram a aparecer em emissões de 1954 e 1962 por ocasião dos tricentenários da Insurreição Pernambucana e da morte de Henrique Dias.

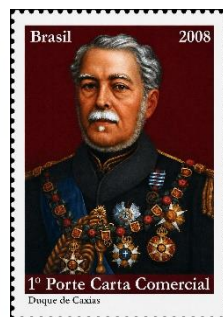


No selo de 1954 aparecem o mulato madeirense João Fernandes Vieira, o brasileiro branco André Vidal de Negreiros, o índio Antônio Felipe Camarão e o negro

Henrique Dias. Devemos ainda incluir, nesse grupo, o grande Sargento Mor Antônio Dias Cardoso. Nesse cenário de luta contra o invasor holandês, brasileiros de todas as raças se uniram para firmar um compromisso de “não faltar em nenhum tempo contra qualquer inimigo na Restauração de nossa Pátria”. A palavra *Pátria* começava aí a carregar, em seu significado, o sentimento de identidade nacional que conferimos a ela até hoje.

CAXIAS

O Patrono do Exército, Luis Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, é lembrado, muitas vezes, ao longo dos anos. Em sua data natalícia, 25 de agosto, o Exército comemora o Dia



do Soldado. O primeiro selo com a imagem de Caxias foi lançado nessa data, em 1939, e a última referência até aqui, em selos catalogados, ocorreu em 2008. Nesse ano foi emitida uma folha de selos que homenageia dez dos heróis nacionais com nomes gravados no Livro de Aço do Panteão da Pátria. Esse monumento Histórico, situado na Praça dos Três Poderes em Brasília, tem por nome oficial “Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves” e destina-se a homenagear heróis e heroínas nacionais que, de algum modo, serviram para o engrandecimento da nação brasileira. Caxias está entre eles.

Entre a emissão de 1939 e a de 2008 várias outras fazem reverência ao Pacificador. No período entre 1954 e 1964 os Correios emitiram uma série de selos regulares que homenageia vários heróis nacionais, dentre eles, Caxias.



Essa série é conhecida pelos filatelistas como “Série Bisneta”. Eram selos muito comuns nos anos

sessenta e eram os primeiros obtidos pelas crianças que decidiam começar uma coleção, como foi o meu caso. Bastava percorrer as casas dos familiares, pedindo para retirá-los dos envelopes das cartas.

Foi assim que o Patrono se apresentou a mim, muito antes que eu viesse a cultuá-lo como militar. A série bisneta contempla também vários outros vultos de nossa História. Além de Caxias, lá estão José Bonifácio, o Almirante Tamandaré, D. João VI, dentre outros. Como foram impressos em enorme quantidade, ao longo de muitos anos, hoje fazem o deleite de filatelistas interessados em estudar variações de cores, de papel, filigranas e picotes.

A ação pacificadora de Caxias foi lembrada em 1942, em selo que celebra o centenário de sua atuação na Revolução Liberal, que envolveu São Paulo e Minas Gerais. Esse movimento, que se opunha à nomeação de um gabinete conservador, punha à prova o início do reinado do jovem Imperador D. Pedro II, iniciado havia dois anos. Caxias foi nomeado Presidente e Comandante de Armas de São Paulo, onde se viu

obrigado a enfrentar seu antigo aliado do Período Regencial, o Padre Diogo Feijó. Após São Paulo, seguiu para Minas Gerais, pondo fim à revolta nos combates na cidade de Santa Luzia.



No mesmo ano de 1842 Caxias foi enviado ao Rio Grande do Sul, com a missão de estabelecer a paz na província que há sete anos enfrentava o Governo Imperial. A Revolução Farroupilha, também conhecida como Guerra dos Farrapos, foi o mais longo movimento de caráter separatista vivido pelo Brasil. Teve início em 1835, ainda no período regencial e durou até 1º de março de 1845, quando foi assinado o Tratado de Ponche Verde, na região de Dom Pedrito, Rio Grande do Sul, já no Segundo Reinado.

O movimento, que tinha em Bento Gonçalves seu grande líder, foi deflagrado pela insatisfação em relação aos pesados impostos sobre a indústria de charque e couro da região pelo governo central. Adquiriu posteriormente caráter separatista sob a influência da recém-conquistada independência do Uruguai e dos territórios espanhóis ao sul, que não permaneceram unidos.

Caxias aparece em um dos selos de uma série emitida em 1935, que marca o centenário do início do conflito.



Em 1945, o selo que comemora os cem anos do fim do movimento, a Pacificação Farroupilha, retrata a essência da ação de Caxias: a saudação entre vencedores e vencidos refletindo a paz honrosa e a reconciliação entre os envolvidos na luta fratricida.



O sesquicentenário da Paz Farroupilha também foi evocado pelos Correios com emissão de 1995 em que aparece Caxias em primeiro plano, tendo ao fundo sua tropa e a paisagem dos pampas, cenário do conflito.



No Dia do Soldado, em 1953, os 150 anos do nascimento de Caxias foram marcados pela emissão de uma linda série em que além de imagens do Patrono aparecem seu Brasão, seu mausoléu e detalhes de um vitral do prédio do Palácio Duque de Caxias, antiga sede do Ministério da Guerra no Rio de Janeiro.



Caxias ainda é retratado em três selos, emitidos respectivamente em 25 de agosto de 1971, Dia do Soldado, em 8 de maio de 1980, lembrando o centenário de sua morte e em 25 de agosto de 2003, celebrando os 200 anos de seu nascimento.



PATRONOS DAS ARMAS, QUADROS E SERVIÇOS

Além de Caxias, vários dos heróis cultuados pelo Exército Brasileiro são lembrados em selos que os evocam e ajudam a perpetuar seus feitos.

No dia da Infantaria, 24 de maio de 1966, um selo rememorou o centenário da Batalha de Tuiuti, que tem por herói o Brigadeiro Antônio Sampaio, Patrono da Arma. Sampaio também foi retratado em selo lançado na Semana do Exército de 1967.





Presta-se assim uma justa homenagem ao cearense nascido em 1810, que esteve presente na maioria das campanhas de manutenção da integridade territorial brasileira, como a Cabanagem, no Pará, a Balaiada, no Maranhão, a Guerra dos Farrapos, no Rio Grande do Sul e a Revolução Praieira em Pernambuco.

Sampaio também esteve presente nos conflitos do Prata. Na campanha contra Oribe e Rosas participou da Batalha de Monte Caseros. Na guerra contra Aguirre, sua atuação destacada na conquista de Paissandú valeu-lhe a promoção a Brigadeiro. Na Guerra da Tríplice Aliança, como comandante da lendária 3ª Divisão de Infantaria, a "Divisão Encouraçada", recebeu três ferimentos na Batalha de Tuiuti, vindo a falecer 44 dias depois. Sua vida militar de retidão e bravura e sua morte, em combate, fizeram de Sampaio um dos grandes heróis reverenciados por nosso Exército.



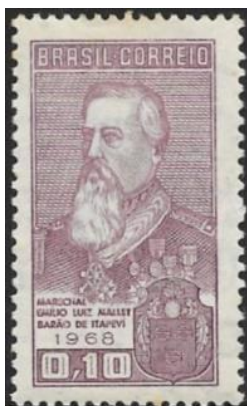
Manoel Luiz Osório, o legendário Patrono de nossa Cavalaria foi lembrado, em 1958, por ocasião do sesquicentenário de seu nascimento. Em sua data natalícia, 10 de maio, o Exército comemora o dia da Cavalaria.



Osório voltou a ser homenageado em 1970, em selo que comemora a inauguração do Parque Histórico Manoel Luiz Osório, situado na cidade gaúcha de Tramandaí. No selo aparecem a casa onde Osório nasceu, localizada nesse sítio histórico, a imagem do Patrono e seu brasão em que aparecem três estrelas que representam os três ferimentos que recebeu na Batalha do Avaí.

Os selos evidenciam o reconhecimento do Brasil ao Patrono da Cavalaria, que teve seu batismo de fogo com apenas 15 anos e participou de todos os conflitos do sul do Brasil, desde 1823 até os momentos finais da Guerra da Tríplice Aliança. Nesse último conflito, já como Marechal de Campo, comandou o I Corpo de Exército Imperial.

O Marechal Emílio Luiz Mallet foi lembrado em emissão no Dia do Soldado, em 1968. Mallet é o Patrono da Artilharia do Exército Brasileiro e sua data de nascimento, 10 de junho, é o Dia da Artilharia.



Francês de nascimento que adotou o Brasil como Pátria, Mallet jurou lealdade ao Império e fez-se presente nos grandes conflitos do século XIX, na Região do Prata, como a Guerra da Cisplatina, a Revolução Farroupilha, as Guerras contra Oribe e Rosas e a Guerra da Tríplice Aliança. Neste conflito, teve participação decisiva na Batalha de Tuiuti, em que dispôs seus canhões no terreno protegidos por um grande fosso que impediu o avanço inimigo e immortalizou sua célebre frase: “Eles que venham. Por aqui não passarão!” Não passaram!

No dia 22 de dezembro de 1955, uma emissão comemorativa do Centenário do 1º Batalhão de Engenharia destaca a figura do Tenente-Coronel João



Carlos de Villagran Cabrita, Comandante do Batalhão de Engenheiros na Campanha da Tríplice Aliança. Em abril de 1866, o Exército Imperial se preparava para os primeiros combates em solo paraguaio. O Batalhão de Engenheiros compunha a tropa que ocupava a Ilha da Redenção, no Rio Paraná, defronte ao Forte de Itapiru. A tentativa dos paraguaios de retomar a ilha produziu um combate sangrento. A defesa da ilha pelas tropas brasileiras frustrou essa tentativa em confronto que teve como saldo a morte de 640 soldados e a captura de 62 prisioneiros paraguaios. Cabrita redigia o

relatório da vitória a bordo de uma embarcação quando foi atingido por um tiro de canhão disparado da margem, que lhe ceifou a vida aos 45 anos. Por seus feitos, Cabrita é o Patrono da Arma de Engenharia.

Em sua homenagem, o 1º Batalhão de Engenharia de Combate, hoje Batalhão Escola de Engenharia, tem a denominação histórica “Batalhão Villagran Cabrita”. Em 10 de abril, data de sua morte, comemora-se o Dia da Engenharia.



Muito antes de ser declarada Patrona do Quadro Complementar do Exército Brasileiro, Maria Quitéria de Jesus Medeiros já havia sido homenageada em selo de 1953, no centenário de sua morte. Justa homenagem à baiana que se destacou na luta pela independência do Brasil, vestindo-se de soldado para se incorporar às tropas. Destacou-se por sua coragem e bravura, que lhe renderam respeito e promoção, sendo por isso considerada a primeira mulher a fazer parte do Exército Brasileiro. Voltou a ser homenageada em selo de 2022, em que aparece em um bloco de quatro selos que

evocam personalidades importantes em nosso processo de Independência.

O Quadro Complementar do Exército Brasileiro, composto em grande parte por militares do segmento feminino, honra-se por reverenciar a heroína que participou bravamente da consolidação de nossa Independência lutando, contra os portugueses na Bahia.

Nenhum de nossos patronos de Armas, Quadros ou Serviços, entretanto, é tão reverenciado em emissões postais quanto o Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon. A Arma de Comunicações do Exército Brasileiro comemora seu dia, em 5 de maio, data de nascimento do velho Marechal.

Os feitos de Rondon transcendem em muito o âmbito do Exército. Participou da Comissão de Construção de Linhas Telegráficas do Estado de Mato Grosso que interligaram as linhas então já existentes no centro-sul do Brasil à Amazônia. Foi também organizador e diretor do Serviço de Proteção ao Índio, antigo SPI e hoje FUNAI (Fundação Nacional do Índio).

Rondon era descendente de índios e, em sua visão humanista, defendia que eles fossem "respeitados em sua liberdade e independência, nas suas instituições sociais e religiosas" e que sua civilização ocorresse espontaneamente, "mediante educação prática que, por imitação, recebem". Seu lema era "Morrer, se preciso for. Matar, nunca". Foi indicado três vezes para o Prêmio Nobel da Paz, em uma das vezes por Albert Einstein.

Por esses feitos, dentre tantos outros, Rondon foi homenageado em emissão no dia do Índio, 19 de abril de 1958. O centenário de seu nascimento, no dia 5 de maio de 1965, também foi lembrado com uma emissão comemorativa, assim como os 120 anos, em 1985.



O sesquicentenário do nascimento de Rondon, em 2015, foi comemorado com uma linda sextilha que evoca os pilares da vida e obra do Marechal.



O primeiro selo faz referências à sua fase de sertanejo, mostrando a casa onde foi criado em Mato Grosso. No segundo selo aparecem a Escola Militar da Praia Vermelha e um folheto da Igreja Positivista, que foram fundamentais em sua formação. Os três selos seguintes destacam o âmago de seu trabalho: a construção de linhas telegráficas, o desbravamento do sertão e a proteção ao índio. No último selo, o carro utilizado durante a inspeção de fronteiras, a insígnia de Marechal, e Rondon em seu uniforme de gala.

A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (FEB)

A FEB, tão venerada por nosso Exército, recebeu também dos Correios a homenagem merecida ao longo dos anos. Quaisquer palavras ou atos são insuficientes para enaltecer os feitos de nossos pracinhas, nos campos da Itália, na luta pela Liberdade e Democracia!

As homenagens começaram já no Dia da Vitória. A data de 8 de maio de 1945 foi o primeiro dia de circulação de uma das mais belas séries do Brasil, que comemora a Vitória dos Aliados. Nesse mesmo dia, o mundo em festa comemorava o fim da guerra na Europa.



Em 18 de julho do mesmo ano, uma nova série evoca a Força Expedicionária Brasileira. No primeiro selo aparece o brasão do 5º Exército Aliado e no segundo o popular ícone da cobra fumando. Nos demais selos estes ícones se repetem junto às Bandeiras do Brasil, dos Estados Unidos e ao V da Vitória.



Sobre o símbolo adotado pela FEB da cobra fumando, vale lembrar que ele é uma resposta aos que ironizavam, sugerindo que o Brasil não tinha capacidade de ir à guerra, e que isso era tão difícil quanto uma cobra fumar. A cobra fumou!

Os restos mortais de 478 Pracinhas que tombaram na Itália foram transladados para o Brasil, em 1960, e sepultados, no Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no Rio de Janeiro. Uma emissão de 15 de dezembro daquele ano, data da chegada dos corpos ao Rio, celebra esse fato.



O Monumento aos Mortos da Segunda Guerra aparece ainda em um dos selos de uma quadra de 1972, que homenageia as Forças Armadas, e em selo de 2010, que compõe a série “Maravilhas do Rio de Janeiro”. Também está no selo comemorativo do Dia do Reservista de 1968, que será apresentado

adiante.

Os 25 anos da Vitória foram celebrados em selo de 1970, lançado em 14 de maio. Em 1975, o selo comemorativo dos 30 anos do fim do conflito na Europa teve o 8 de maio, Dia da Vitória, como primeiro dia de circulação. Os 50 anos da Tomada de Monte Castelo foram celebrados em emissão de 21 de fevereiro de 1995, data em que comemoramos essa vitória, que foi o mais heroico dos feitos de nossos pracinhas.



O centenário do nascimento do Marechal Mascarenhas de Moraes, Comandante da Força Expedicionária Brasileira, foi comemorado com emissão de 13 de novembro de 1983, data natalícia do Marechal. O selo apresenta a imagem do Chefe Militar, e um mapa rico em detalhes sobre a área de atuação de nossa Força Expedicionária, apresentando as batalhas vencidas ao longo do Vale do Rio Pó e o avanço final da FEB em direção a Turim, efetuando a ligação com a ocupação aliada no norte da Itália, e posteriormente com o Exército francês, no ponto de ligação em Susa, encerrando-se com a rendição alemã, em 2 de maio de 1945, na área de atuação brasileira.



Em 2004, no Dia do Soldado, houve a emissão de uma linda quadra em que os selos evocam a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, exaltando a participação das três Forças e dos Correios.



O primeiro selo homenageia a Força Aérea Brasileira. Nele se destacam o famoso símbolo do Senta a Pua, grito de guerra dos pilotos do 1º Grupo de Aviação de Caça da Força Aérea Brasileira, e o avião Thunderbolt P-40 que eles usaram na Itália. O segundo traz o brasão da Marinha e o Contratorpedeiro Marcílio Dias M-11. O terceiro apresenta o símbolo da FEB e faz menção à tomada de Monte Castelo. Trazem também as imagens de condecorações das três Forças. O quarto selo destaca o papel dos Correios na figura de um soldado lendo uma carta, tendo ao fundo uma peça de Artilharia e no canto inferior o brasão usado pelos Correios, à época, em documentos oficiais.

O Serviço Postal da FEB, que exerceu papel fundamental em manter elevado o moral da tropa nos campos da Itália, já havia sido homenageado pelos Correios em emissão de 10 de outubro de 1985.



A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA E OS PRESIDENTES MILITARES

A participação decisiva do Exército Brasileiro na Proclamação da República é lembrada em diversos momentos.

O Marechal Deodoro aparece em várias emissões ao longo dos anos. Aparece pela primeira vez em uma série de selos regulares emitida no período de 1906 a 1917, denominada “Alegorias Republicanas”. A mais



recente homenagem a Deodoro em emissões postais é a já citada série de 2008, que homenageia heróis com o nome do Livro de Aço do Panteão Nacional.



Em 1939 o Cinquentenário da República foi comemorado com uma série de três selos. O primeiro deles reproduz a famosa pintura “Proclamação da República”, de Henrique Bernardelli, que é uma das mais icônicas imagens da Proclamação. Essa tela, por sinal, é uma das relíquias que adornam a antiga Biblioteca da Academia Militar das Agulhas Negras. Esse espaço é hoje o Museu Marechal José Pessoa.

O Centenário da República foi comemorado com a emissão de um bloco com a imagem da tela “Alegoria à Proclamação da República e à Partida da Família Imperial”, de autor desconhecido. Essa tela hoje faz parte do acervo da Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, em São Paulo.



Nesta pintura repleta de simbolismo aparece em primeiro plano a República, representada por uma figura feminina, em símbolo análogo à *Marianne*, criada na Revolução Francesa. Deodoro caminha em direção a ela, tendo em uma das mãos a Coroa Imperial e com a outra entrega-lhe a nova Bandeira do Brasil. Ao fundo, a Família Imperial partindo.

Outra figura de grande importância no 15 de novembro de 1889 foi o Tenente-Coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães, professor da Escola Militar da Praia Vermelha. Seguidor dos princípios filosóficos do Positivismo e líder da juventude militar, Benjamin Constant é considerado o mentor da República e também recebeu homenagens em emissões postais.



Aparece junto com Deodoro na já citada série Alegorias Republicanas e está no segundo selo da série de 1939, que comemora o Cinquentenário da República.

No Governo Provisório Republicano, Benjamin Constant exerceu as funções de Ministro da Guerra e posteriormente Ministro da Instrução Pública, em que estabeleceu diretrizes para a educação pública, propondo descentralização e criação de escolas especializadas na formação de professores, dentre outras.



Antes da Proclamação, no período de 1869 a 1889, ainda no Império, Benjamin Constant foi diretor do Imperial Instituto dos Meninos Cegos.

Essa Instituição é atualmente denominada Instituto Benjamin Constant. Localizada no Rio de Janeiro, é até hoje referência na educação e apoio a pessoas com deficiência visual. No centenário do Instituto, em 1954, o selo comemorativo traz a imagem de seu antigo Diretor.

Desde a Proclamação, a maioria dos presidentes brasileiros foi homenageada com a emissão de selos, dentre eles, os oriundos do Exército.



A série de 1939 que lembra o Cinquentenário da República tem ainda um terceiro selo, além dos dois já apresentados. Esse selo traz novamente a imagem de Deodoro, acompanhada da imagem de

Getúlio Vargas, presidente do Brasil, à época da comemoração.

O Marechal Floriano Peixoto, segundo Presidente da República, aparece também na já mencionada série Alegorias Republicanas e em outra série de selos regulares, emitidos entre 1941 e 1949, conhecida pelos filatelistas como “Série Netinha”.



Presidente da República entre 1910 e 1914, o Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca teve sua imagem estampada em uma grande série de selos para correspondência oficial. Eram selos destinados à correspondência expedida por autoridades estaduais ou municipais, quando transitavam pelos Correios. Vários selos têm a imagem do Marechal, com cores e valores diferentes. O uso desse tipo de selo foi extinto em 1920. Hermes da Fonseca voltou a ser homenageado em 1955, em comemoração ao centenário de seu nascimento.



O Marechal Eurico Gaspar Dutra, Presidente da República entre 1946 e 1951, teve sua imagem estampada em uma série de selos emitida em 1947 e em um bloco de 1948.



O Presidente Castello Branco está presente em uma série de selos regulares emitida no período de 1967 a 1968, que homenageia cinco antigos presidentes da República. Recebe referência também, em selo de 1972, que estampa de maneira estilizada as imagens dos três primeiros presidentes da Revolução de 1964, Castello Branco, Costa e Silva e Emílio Garrastazu Médici.



O Presidente Ernesto Geisel foi homenageado em selo de 1978 e o Presidente João Batista Figueiredo aparece em um bloco emitido, em 1984, para comemorar a visita do Rei da Suécia Carl Gustaf XVI ao Brasil.



MILITARES E FATOS QUE FIZERAM HISTÓRIA

O General Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão, Visconde de Santa Teresa, lutou com destaque na Revolução Farroupilha. Foi Ministro da Guerra, professor, Comandante da Escola Militar de Aplicação e Comandante do 1º e 2º Corpos de Exército na Guerra do Paraguai. Nesse conflito participou da Batalha de Curupaiti e substituiu Osório, que foi ferido na Batalha de Avaí. Foi também, por muitos anos, Comandante do Corpo de Guardas Municipais Permanentes e do Corpo Municipal Permanente da Corte, atual Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro.



Os Correios o homenagearam, entretanto, por um fato pouco citado em sua biografia: a participação na primeira transmissão por telégrafo elétrico feita no Brasil em 1852. O professor Guilherme Schüch de Capanema, grande líder da introdução do telégrafo elétrico no Brasil e o então Coronel Polidoro da Fonseca, Comandante do Corpo Permanente, trocaram a primeira mensagem enviada por telégrafo elétrico no Brasil, nas experiências que antecederam à construção da primeira linha telegráfica, que viria a ser inaugurada em 1857 ligando o Rio de Janeiro a Petrópolis. Segundo os presentes, o texto transmitido foi “minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá”.

No centenário do telégrafo elétrico no Brasil os Correios emitiram em 1952 uma série com três selos prestando homenagem não só ao Gen Polidoro da Fonseca, mas também ao engenheiro Guilherme Schüch de Capanema e a Euzébio de Queiroz, então Ministro da Justiça, que via no telégrafo um importante instrumento para fiscalizar o cumprimento da lei que leva seu nome e proibia o tráfico de escravos.

Outro militar destacado por seus feitos é o Coronel Antônio Ernesto Gomes Carneiro, por sua participação na Revolução Federalista, um dos primeiros desafios enfrentados pelo governo republicano. O conflito, que ocorreu entre 1893 e 1895, teve início no Rio Grande do Sul e se estendeu até Santa Catarina e Paraná. De um lado estava o Governador do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos, favorável a Floriano Peixoto. Do outro, os chamados Federalistas, liderados por Gaspar da Silveira Martins. Os grupos divergiam em relação ao modelo de

Estado a ser implementado. Os seguidores de Floriano propunham um modelo centralizador e os Federalistas, um governo descentralizado e parlamentarista, nos moldes do antigo governo do Império.

A Revolta foi marcada por grande violência e ficou conhecida como “Guerra da Degola”. Os Federalistas de início conquistaram parte do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, Curitiba e Paranaguá. Necessitavam conquistar a cidade de Lapa, no Paraná, caminho natural de tropeiros, para chegar a São Paulo. Seus planos eram juntarem-se a forças paulistas e chegar ao Rio de Janeiro para depor Floriano.

Lapa era guarnecida por 639 homens sob o comando do Coronel Antônio Ernesto Gomes Carneiro, que resistiu por 26 dias ao cerco da tropa federalista de 3000 homens. O Cel Gomes Carneiro foi ferido mortalmente durante o combate e, só após sua morte, as tropas legalistas aceitaram um acordo de rendição, por absoluta falta de comida e munição. Esse episódio entrou para a História como o Cerco da Lapa e é considerado um ponto de inflexão da Revolução Federalista, pois a duração da resistência permitiu a organização das forças legalistas, dando início à derrota dos revoltosos. O Cel Gomes Carneiro foi promovido a General durante o combate e seu feito foi lembrado em selo de 1944 que evoca o Cinquentenário do Cerco da Lapa e homenageia seu herói. Foi também



lembrado em emissão de 1946 que comemora o Centenário de seu nascimento.



O General Lauro Nina Sodrê e Silva foi homenageado em selo que lembra o ano do centenário de seu nascimento e teve o 15 de novembro de 1958 como primeiro dia de circulação. Lauro Sodrê Ingressou na Escola Militar da Praia Vermelha em 1876. Republicano e Positivista, foi nomeado secretário do Ministro da Guerra Benjamin Constant logo após a Proclamação da República. Pouco tempo depois foi eleito deputado por seu Estado natal, o Pará, e foi um dos signatários da Constituição de 1891. Governou o Estado do Pará e foi Senador por vários mandatos. Permaneceu no Serviço Ativo até 1913, quando foi reformado no posto de General, mas esteve presente na vida política nacional até a Revolução de 1930.



Ocupa também papel de destaque na história do Brasil, desde a Proclamação da República até a revolução de 1930, o General Tasso Fragoso, homenageado pelos Correios, em 1969, por ocasião do centenário de seu nascimento. O edital do selo, com texto assinado pelo General Rubens Rosado Teixeira, lembra a trajetória de Tasso Fragoso, citando sua nomeação, ainda no posto de 1º Tenente para Intendente da Capital Federal, cabendo-lhe o setor "Obras Públicas". Destaca sua participação na Revolta

da Armada em que foi ferido gravemente e promovido ao posto de Capitão por bravura. Participou também da comissão incumbida da seleção do local para a Capital da República, em 1892, com Luiz Cruls. Servindo na Diretoria de Obras Militares, fez estudos para a defesa do litoral, incluindo o projeto Fortaleza de Copacabana. Na Revolução de 1930, já como general, fez parte da Junta Governativa que entregou o governo a Getúlio Vargas, após a deposição do Presidente Washington Luís.

Os Correios também prestaram tributo ao primeiro brasileiro a conquistar uma medalha de ouro olímpica para o Brasil, o Ten Guilherme Paraense, na Olimpíada de Antuérpia em 1920, primeira



em que o Brasil participou. Para chegar lá, muitos obstáculos tiveram que ser vencidos, como viagem desconfortável, alojamentos improvisados, chegada às vésperas da competição e roubo de parte das armas e munição. O Tenente Guilherme Paraense conseguiu 274 pontos dos 300 possíveis na prova da pistola rápida, vencendo o campeão mundial, o norte-americano Raymond Bracken, seu amigo que, por sinal, emprestou-lhe munição e arma para competir. Guilherme Paraense também teve a honra de ser o primeiro Porta-Bandeira do Brasil em Jogos Olímpicos. Um selo de 1992, o ano das Olimpíadas de Barcelona, relembra esse feito.



Para lembrar outro momento marcante de nossa História, a espada de Oficial do Exército Brasileiro aparece ao lado da Cruz em selo que lembra o primeiro aniversário da Revolução de 1964.

A imagem estampada no selo reflete bem o sentimento da sociedade brasileira naqueles dias de tensão em que o povo foi às ruas com apoio de setores da Igreja Católica, da imprensa e de lideranças políticas, em atitude positiva em relação ao Movimento, compartilhando com as Forças Armadas sua ação vitoriosa.

ESCOLAS MILITARES

As Escolas militares de todos os níveis foram destacadas por emissões ao longo dos anos.

O Colégio Militar do Rio de Janeiro foi criado por decreto de 1889 do Imperador D. Pedro II, como Imperial Colégio Militar, tendo recebido a atual denominação em 1912. No centenário do decreto de sua criação, os Correios homenagearam o Colégio com uma emissão que retrata a fachada do Palacete Babilônia, tradicional sede do Colégio, hoje tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional, além do busto de seu fundador, Thomaz José Coelho D'Almeida.



Por seus bancos escolares passaram inúmeras personalidades e grandes líderes civis e militares de nosso país, incluindo um Presidente da República, João

Batista de Oliveira Figueiredo. O Colégio mantém até hoje a tradição de excelência na formação das futuras gerações de brasileiros, entregando à sociedade cidadãos formados em ambiente em que, além da primorosa formação escolar são desenvolvidos valores éticos e o amor à Pátria.

A Academia Militar das Agulhas Negras, que forma os oficiais combatentes da Linha Bélica do Exército Brasileiro, teve emissões para comemorar seu sesquicentenário, em 1961 e bicentenário, em 2011.

O Edital de lançamento do selo de 2011 tem texto assinado pelo Gen Ex Enzo Martins Peri, então Comandante do Exército, em que é destacado o decreto de D. João VI, criando a Academia Real Militar e sua inauguração, em 23 de abril de 1811. O texto enumera as etapas da trajetória da Academia, que iniciou suas atividades na Casa do Trem, na edificação que hoje abriga o Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro. Cita suas diferentes sedes, como a Praia Vermelha e Realengo, até chegar a Resende. Enfatiza ainda que ao longo destes 200 anos a Academia sempre primou pela formação técnico-profissional e cultural dos futuros oficiais, mantendo imutáveis os valores transmitidos em todos os tempos, sintetizados no código de honra: “Ser cadete é cultivar a Lealdade, a Verdade, a Probidade e a Responsabilidade”.

Na emissão de 1961, um dos selos destaca o Brasão da Academia e o outro mostra dois símbolos acadêmicos: o espadim e a barretina. Essas peças compõem o tradicional uniforme azul, o “azulão” para os que tiveram a honra de ostentá-lo. Esses três símbolos

voltam a aparecer no lindo selo de 2011, que traz ainda o Portão Monumental e ao fundo o imponente prédio da Academia e o Maciço das Agulhas Negras.



Cabe aqui uma pequena reflexão: cada selo carrega uma história e é capaz de tocar de maneira diferenciada a cada um de nós, quando essa história tem a ver com nossas memórias, interesses ou nossas experiências pessoais. Estes são os meus selos. Ao contemplá-los revivo uma história de vida!

O Instituto Militar de Engenharia (IME), e a Escola de Comando e Estado Maior do Exército (ECEME), escolas irmãs que se saúdam frente a frente na maravilhosa paisagem da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, também foram homenageadas por emissões dos Correios.



Um selo lançado em 11 de agosto de 1981 faz menção ao Cinquentenário do IME, ilustrado pela imagem do imponente prédio de sua sede. Segundo o Edital de lançamento do selo, o cinquentenário se refere à criação na mesma data, em 1930, da Escola de Engenharia Militar, com a finalidade de graduar oficiais nas especialidades de Engenharia de Armamento, Eletrotécnica, Química e de Fortificações e Construções, completando, portanto, 50 anos no ano anterior. Essa Escola foi o embrião do IME em sua concepção moderna.

A origem histórica do IME, entretanto, vem de muito mais longe. Remonta a 1792, quando foi criado como a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, por D. Maria I, Rainha de Portugal. Essa Academia é considerada a primeira Escola de Engenharia das Américas e seguiu o modelo da Academia de Fortificação, Artilharia e Desenho de Lisboa, com objetivo de formar oficiais das Armas e Engenheiros para o Brasil-Colônia. Neste ano de 2025, seguindo sua tradição, o IME comemora 233 anos de existência.



Do outro lado da Praça Gen Tibúrcio, na Praia Vermelha, fica a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, criada em 2 de outubro de 1905, que teve seu centenário comemorado em emissão de outubro de 2005. A Escola tem por missão preparar oficiais superiores para o

exercício de funções de Estado-Maior, Comando, Chefia, Direção e Assessoramento aos mais elevados escalões da Força Terrestre. Cursar a ECEME é condição necessária aos oficiais para galgar os mais altos postos da carreira. O belo selo apresenta o prédio da Escola, tendo ao fundo os morros da Urca e do Pão de Açúcar estilizados, o brasão da ECEME e o logotipo comemorativo do centenário.

O texto do edital de lançamento do selo foi redigido pelo então Comandante da Escola, General de Brigada Luiz Eduardo Rocha Paiva, que enumera as etapas da formação da doutrina militar brasileira, enfatizando a “busca permanente da construção de uma doutrina militar autóctone adaptada aos ambientes internacional e nacional, e às nossas peculiaridades e possibilidades”.

Na face da Pedra da Urca oposta à ECEME situa-se a Escola de Educação Física do Exército, que teve seu centenário comemorado em emissão de 9 de

novembro de 2022. O Edital de lançamento do selo destaca o fato de que a Escola é considerada o “Berço do Ensino Metódico e Racional da Educação Física no Brasil” e cita seu idealizador, o Ten Newton de Andrade Cavalcanti.

A Escola é uma instituição de ensino superior, da Linha de Ensino Militar Bélico. Ao longo dos seus 100 anos de existência, tem sido responsável pelo



planejamento e condução dos Cursos de Instrutor de Educação Física, Monitor de Educação Física, Mestre D'Armas e Medicina Esportiva. O edital também destaca o objetivo primordial da Escola de "contribuir para o aprimoramento do condicionamento físico, da operacionalidade e da saúde da Força Terrestre e o bem-estar e a qualidade de vida da família militar". O selo destaca em imagens o aluno, a instrução, o instrutor, a atividade física e a Escola, retratando dessa forma a alma da Instituição. Ao fundo, a vista do Pão de Açúcar, a partir de suas instalações.



O prédio onde hoje funciona o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR) de São Paulo aparece ao fundo da imagem de José Bonifácio, em selo de 2021, que comemora o

Bicentenário do Manifesto Paulista.

O CPOR de São Paulo carrega com orgulho a denominação histórica "Centro Solar dos Andradas" por ocupar as instalações da antiga sede da Fazenda Santana, onde viviam, em 1821, José Bonifácio de Andrada e Silva e seu irmão Martin Francisco. Esse berço repleto de tradição também abriga o jovem Colégio Militar de São Paulo, que compartilha as instalações com o CPOR e inicia a partir delas sua jornada de realizações.

Foi nesse casarão que os irmãos Andrada receberam a carta de José Joaquim da Rocha, em que os patriotas do Rio de Janeiro os chamaram à luta, para

impedir que o Príncipe Regente D. Pedro regressasse a Portugal, atendendo a determinação das Cortes de Lisboa. A resposta a essa carta é um documento conhecido como Manifesto Paulista, em que José Bonifácio alerta o Príncipe de maneira enfática e enérgica, invocando inclusive sua honra, pedindo que contrariasse as ordens de Lisboa e permanecesse em solo brasileiro, para manter o Brasil unido e evitar um banho de sangue.

O Manifesto Paulista chegou às mãos do Príncipe no Rio de Janeiro, em 1º de janeiro de 1822. Foi divulgado imediatamente por D. Pedro e publicado na Gazeta do Rio, em 8 de janeiro. Esse fato é considerado preponderante na decisão de D. Pedro que culminou no Dia do Fico, em 9 de janeiro, e na nossa Independência em, 7 de setembro do mesmo ano.

GRANDES UNIDADES E UNIDADES HOMENAGEADAS

Além das Escolas, algumas Grandes Unidades, Unidades e Instituições ligadas ao Exército também foram contempladas com emissões.

O primeiro Regimento de Cavalaria de Guardas, os Dragões da Independência, aparece em um dos selos de uma quadra de 1972, que homenageia as Forças Armadas, no fervor cívico do ano do sesquicentenário da Independência.



Aparece também em emissão de 2008 em selo que comemora o bicentenário da chegada da Família Real ao Brasil.

A menção ao Regimento no Edital de 2008 foi redigida pelo então Comandante da Unidade, TC Cav Carlos Alberto do Couto Ramos Fico, que destacou a criação do Regimento pelo Príncipe D. João, a participação nas proclamações da Independência e da República e, nos dias atuais, sua missão compartilhada com o Batalhão da Guarda Presidencial, de proteger os Palácios da Alvorada, do Planalto, do Jaburu e a Residência Oficial da Granja do Torto, bem como a realização do cerimonial militar da Presidência da República.

A Brigada de Infantaria Paraquedista também é homenageada em dois momentos, em 1985 e 1995, por seus 40 e 50 anos de existência. Nas duas ocasiões, paraquedas com as cores de nossa Bandeira ilustram dois belos selos.



Os Editais de lançamento dos selos foram redigidos pelos Cel Pedro Schirmer e TC Marco Aurélio Costa Vieira, Comandantes de Unidades da Brigada à época.

Os dois textos destacam o papel do Capitão Roberto de Pessôa, considerado o "paraquedista militar número um" que

realizou em 1944 o Curso de Paraquedista Militar nos Estados Unidos.

No ano seguinte, em 1945, foi criado o Núcleo de Formação e Treinamento de Paraquedistas do Exército, que teve como primeiro Comandante o então Coronel Nestor Penha Brasil, embrião da atual Brigada de Infantaria Paraquedista.

Os Editais também destacam os atributos de autoconfiança e coragem que fazem dos paraquedistas combatentes diferenciados e o lema que, por si só, expressa todos os seus ideais: BRASIL ACIMA DE TUDO!

Os Correios também homenagearam ao longo dos anos outras organizações militares ou culturais ligadas ao Exército, exaltando sempre sua longevidade e importância.

Em 1961 o Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro comemorou o sesquicentenário de sua organização definitiva. A raiz histórica dessa Unidade, entretanto,



remonta ao período colonial, quando foi criado em 1762, com a denominação de "Casa do Trem", no já citado prédio onde hoje funciona o Museu Histórico Nacional. Com a vinda da Corte de Lisboa para o Brasil, o Príncipe Regente D. João transformou a Casa do Trem em Arsenal Real do Exército em decreto de 1811. Seu primeiro diretor foi o Brigadeiro Carlos Antônio Napion,

hoje Patrono do Quadro de Material Bélico do Exército Brasileiro. O sesquicentenário desse decreto de criação foi celebrado, na emissão de 1961, que estampa o prédio da sede e o brasão do Arsenal.



A Fábrica de Piquete, criada com a denominação “Fábrica de Pólvora sem Fumaça”, em 15 de março de 1909, hoje denominada Fábrica Getúlio Vargas, teve seu cinquentenário comemorado em selo que estampa o prédio da Fábrica, e os brasões do Exército e da Unidade.

Essa importante unidade fabril de nosso Exército representou a vanguarda na fabricação de explosivos industriais e deu origem à indústria nacional de explosivos químicos. A partir de 1977 foi incorporada à Indústria de Material Bélico (IMBEL), empresa vinculada ao Comando do Exército.



O Serviço Geográfico do Exército, criado nos primórdios da República, em 1890, teve seu centenário comemorado em emissão de 1990. A Unidade foi criada diante da

necessidade de se construir um mapa nacional considerado científico, segundo os preceitos da época. Desde então, vem sendo o produtor de grande percentual dos mapas produzidos do território brasileiro, sobretudo nas cartas topográficas com

escalas de interesse militar. Hoje, mantendo as tradições de vanguarda que pautaram sua criação, conta com a mais avançada tecnologia em termos de Geoinformação a serviço de nosso Exército.

A Biblioteca do Exército (BIBLIEx), fundada em 17 de dezembro de 1881, no reinado do Imperador D. Pedro II, teve seu centenário comemorado com seu belo brasão estampando selo de 1981.



O texto do Edital foi redigido pelo Prof. Pedro Calmon, então Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e exalta que “Ocupa-se a Biblioteca do Exército em abastecer com as obras de maior interesse para o conhecimento, a curiosidade e o gosto de leitura do vasto público a quem serve, militares e civis nela inscritos.”

Hoje a BIBLIEx dispõe de uma grande quantidade de títulos publicados, destinados ao público civil e militar nas mais diversas áreas do conhecimento, configurando-se como importante elemento de fornecimento de cultura e saber para o público interno e elo de ligação de nosso Exército com a sociedade civil.



O Clube Militar foi criado em 26 de junho de 1887 como um grande fórum de debates sobre questões que norteavam o grave momento político da época. Uma emissão de 1987 lembra o centenário dessa importante Instituição Cultural.

No edital primorosamente redigido pelo Cel Asdrubal Esteves é lembrada a participação do Clube em importantes episódios da vida nacional, como a Campanha do Serviço Militar Obrigatório, o Monopólio Estatal do Petróleo e as Homenagens à FEB em seu regresso. O Clube Militar se mantém ainda hoje fiel às suas origens e continua sendo um fórum de discussão dos grandes temas nacionais, buscando soluções para os problemas brasileiros por meio de conferências, comissões, painéis, pareceres e campanhas.

O SERVIÇO MILITAR OBRIGATÓRIO

A questão do Serviço Militar Obrigatório, que irmana todos os cidadãos brasileiros no dever de defender a Pátria, teve no poeta e jornalista Olavo Bilac um vibrante entusiasta. O poeta defendia o papel do Serviço Militar em promover um sentimento mútuo de pertencimento entre as Forças Armadas e a sociedade civil. Como reconhecimento por seu trabalho em defesa do Serviço Militar Obrigatório instituiu-se sua data de nascimento, 16 de dezembro, como o Dia do Reservista. Os Correios, participando do esforço cívico para incentivar os alistamentos, emitiram selos nos anos de 1966, 1967 e 1968 que divulgavam o Dia do Reservista e a nova Lei do Serviço Militar. Em 1966, além do selo, foi emitido um bloco comemorativo. O selo de 1967 traz a figura de Olavo Bilac, declarado Patrono do Serviço Militar e o selo de 1968 traz a imagem do já citado Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial.



NAÇÕES AMIGAS E OPERAÇÕES DE PAZ

Os Correios também registraram participações do Exército junto a entidades internacionais. O Batalhão Suez, que partiu do Brasil em direção à Faixa de Gaza e ao Sinai, em 1957, ali



permanecendo por 10 anos com revezamento da tropa, foi homenageado com selo no ano de sua partida. Os objetivos do Batalhão eram garantir o cessar-fogo entre Egito e Israel, estabelecer forças de paz internacionais na fronteira entre os dois países e liberar o Canal de Suez, que estava bloqueado devido ao conflito. Cerca de 6300 militares brasileiros participaram dessa Força de Paz.



A Conferência de Exércitos Americanos (CEA), fundada em 1960, é uma organização internacional dos comandantes dos exércitos dos países das Américas, que tem como objetivo buscar um estreito entendimento entre os exércitos, pelo estudo conjunto dos problemas militares de interesse comum, particularmente os concernentes à segurança e desenvolvimento do

Continente. No ano de 1968, coube ao Brasil sediar a sétima Conferência, fato destacado em emissão dos correios de 23 de setembro, dia do início dos trabalhos.

BRAÇO FORTE, MÃO AMIGA

O papel do Exército juntamente com as demais Forças irmãs no esforço de integração, segurança e desenvolvimento nacionais aparece ilustrado em 1969 e 1977, em duas séries de selos repletos de simbolismo.

Nos selos de 1969 o braço forte e a mão amiga, que à época ainda nem compunham a marca de divulgação do Exército, aparecem lado a lado, representados pelas palavras “Segurança e Desenvolvimento”.



A segurança é simbolizada pelo brasão do Exército sobre o mapa do Brasil em selo estampado nas cores nacionais. O desenvolvimento é representado por um dos viadutos construídos pelos Batalhões Ferroviários e pelo monumento existente na Ferrovia do Trigo, no município de Protásio Alves, no local do milésimo quilômetro de ferrovias construídas pelo Exército no Rio Grande do Sul, meta atingida em 27 de setembro de 1965.

Os Batalhões Ferroviários voltaram a ser evocados em emissão de 1977, na linda série denominada "Integração Nacional".



A série exalta o papel das Forças Armadas unidas no grande esforço de integração nacional da época, sobretudo na Amazônia. A Marinha está representada pela Flotilha do Amazonas, que patrulha nossos rios e garante a presença do Estado Brasileiro junto às populações ribeirinhas. O Exército, pelos Batalhões de Engenharia, sobretudo os Batalhões de Construção, que rasgaram a selva para construir os grandes eixos

rodoviários da Amazônia, possibilitando o surgimento de cidades, a fixação de população e o incremento da atividade econômica. Completando a tarefa, onde não havia rios ou estradas, chegavam os lendários CA-10 Catalina ou C-115 Búfalo do Correio Aéreo Nacional, integrante da Força Aérea Brasileira.

Por fim, evidenciando os desafios do novo século, um bloco do ano 2000 destaca a presença militar na Amazônia como fator de incremento à manutenção da biodiversidade, da pesquisa, ciência e tecnologia vistos como estratégia de manutenção da soberania nacional.



SELOS PERSONALIZADOS E INSTITUCIONAIS

Os novos tempos produziram novas possibilidades de comunicação para as pessoas. As cartas, com o sentido original de transmitir notícias pessoais e sentimentos, praticamente desapareceram. Os envelopes hoje circulam com os selos substituídos por inexpressivos códigos de barras, o que também está se tornando cada vez menos necessário, graças aos meios eletrônicos de autenticação. A prática da filatelia, entretanto, também se adequa à nova realidade e os selos resistem, hoje muito mais encarregados de transportar uma mensagem do que de franquear uma carta.

As facilidades tecnológicas abriram uma nova possibilidade para a filatelia: os selos personalizados ou institucionais, que não fazem parte do cronograma

oficial de emissões dos Correios, mas podem ser encomendados por pessoas ou instituições. As imagens podem vir em vinhetas, ao lado do selo ou dentro do próprio selo, segundo modelos básicos oferecidos pelos Correios, como nestes dois exemplos.



Assim, é possível que o interessado agregue uma imagem a um selo, usando-o de maneira particular, ou que uma instituição crie e emita seus próprios selos, em parceria com os Correios.

Algumas dessas iniciativas merecem destaque especial, como as que homenageiam a Força Expedicionária Brasileira e seus heróis.





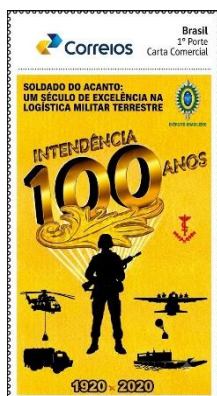
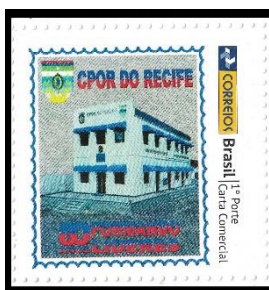
O Tenente Antônio João Ribeiro, Patrono do Quadro Auxiliar de Oficiais do Exército Brasileiro, recebeu justa homenagem do Comando Militar do Oeste por ocasião do bicentenário de seu nascimento. Antônio João é reverenciado por ter sacrificado a própria vida ao defender a Colônia Militar de Dourados, de que era Comandante, na Guerra da Tríplice Aliança. Recusou-se à rendição, mesmo diante de uma tropa muito mais poderosa. Imortalizou-se proferindo a célebre frase: "Sei que morro, mas o meu sangue e o dos meus companheiros servirá de protesto solene contra a invasão do solo de minha Pátria".



Os 100 anos da Banda de Música da AMAN, os 70 e 75 anos da chegada da Academia a Resende também foram comemorados com a elaboração de selos que ressaltam a integração da Academia com a cidade que a acolhe.



Assim, em diversas situações, os selos institucionais são usados para celebrar aniversários de Unidades, destacar a importância de elementos de nossa Força ou continuar reverenciando nossos heróis.





Esses selos são geralmente impressos em pequenas quantidades e circulam dentro de grupos específicos, mas, nem por isso, deixam de cumprir seu papel na divulgação da mensagem que carregam. São difíceis de serem compilados, pois na maioria dos casos não são catalogados nem comercializados pelos Correios. Além destes apresentados deve haver muitos outros por aí, para deleite dos colecionadores que gostam de garimpá-los!

CONCLUSÃO

Concluo este texto com uma reverência a estas duas Instituições Nacionais, o Exército e os Correios. Muito mais do que cartas, os Correios levaram a cada soldado, seja nos campos da Itália, seja nas mais distantes guarnições do Brasil, a lembrança de que, em algum lugar havia alguém que o amava e esperava sua volta com o sentimento de missão cumprida.



Os selos colocavam um toque especial nessas lembranças, enviando a imagem de uma paisagem, da Bandeira, de um personagem da História, "das praias sedosas, das montanhas alterosas", ou apenas da palavra BRASIL, este imenso e amado país, porque sempre vale a pena lutar!



Bibliografia

ANNICHE, Roberto, A História do Brasil Através dos Selos, disponível em: <https://robertoaniche.com.br/wp-content/uploads/2022/07/a-historia-do-brasil-atraves-dos-selos-completo-1.pdf> acesso em: 09 de jun 2025

BENTO, Cláudio Moreira, O Patrono da Infantaria Brigadeiro Antonio de Sampaio, disponível em: <http://www.ahimtb.org.br/O%20Patrono%20da%20Infantaria%20Brigadeiro%20Antonio%20de%20Sampaio.pdf> Acesso em: 12 de jun de 2025.

CERQUEIRA, Dionísio, Reminiscências da Guerra do Paraguai, Bibliex Editora, Rio de Janeiro, 1980.

CORREIOS, Brasil, Editais de selos do Brasil, compilados em <https://drive.google.com/drive/folders/1dzcmhjsCwGn2vj9eFhB3NfzAcAvBGm70?fbclid=IwAR0R2Z1mnx8tYjj0r8> Acesso em: 10 de jun 2025

FILABRAS – Catálogo de Selos do Brasil, Associação dos Filatelistas Brasileiros, disponível em <https://filabras.org/login.aspx?err=CODE%20LV248> Acesso em: 18 de jul de 2026.

HALL, Clarence W. A Nação que Se Salvou a Si Mesma, em Seleções do Reader's Digest, novembro de 1964

JUSTO, Hirã Soares, O Maravilhoso Mundo dos Selos, ed. Anita Garibaldi, São Paulo, 2025.

LUDWIG, Denise Gomes, A Arte na Proclamação da República do Brasil, disponível em: https://deniseludwig.blogspot.com/2012/11/a-arte-na-proclamacao-da-republica-do.html#google_vignette Acesso em: 15 de jun 2025

MENEZES, Maurício M., Rondon, o Marechal da Paz, Ed Mackenzie, São Paulo, 2025.

MEYER, Peter, Catálogo de selos do Brasil, 59ª Edição, Editora RHM, São Paulo-SP, 2016.

MOREIRA, Mauro C. S. I. C., A introdução da telegrafia elétrica no Brasil, REVISTA DA SBHC, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 47-62, jan | jul 2007, disponível em: https://www.sbhc.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=82 Acesso em 08 de jun 2025.

O GRANDE DESAFIO DE PARTICIPAR DOS JOGOS ANTUERPIA 1920, Comitê Olímpico do Brasil, 2025, disponível em: <https://www.cob.org.br/comunicacao/noticias/o-grande-desafio-de-participar-dos-jogos-antuerpia-1920> Acesso em: 15 de jun 2025.

Em um meticoloso trabalho de pesquisa, todos os selos comemorativos ou regulares emitidos na programação oficial dos Correios do Brasil e que fazem menção ao Exército Brasileiro são apresentados, acompanhados de uma descrição do fato ou momento que motivou sua emissão, deixando, dessa forma, que os selos relatem uma parte significativa da História do Exército Brasileiro que, por sinal, é indissociável da própria História do Brasil.

Pretende-se, assim, apresentar ao leitor a verdadeira relação de parceria que sempre existiu entre os Correios e o Exército Brasileiro. Espera-se, com isso, fortalecer o apreço por essas duas instituições que, ao longo do tempo, têm contribuído para a defesa e o desenvolvimento do Brasil. A filatelia promove a mediação dessa relação de parceria ao proporcionar, por meio dos selos que viajam mundo afora, verdadeiras jornadas pelos universos da História, da cultura e da arte, ajudando assim a preservar nossa História, a fortalecer nossos valores e a cultuar nossos heróis.

O autor também publicou, em 2023, o livro de crônicas *Histórias que a Gente Colectiona*.

Como sabemos, os selos não servem apenas para registrar datas e valores postais. Além dessa função explícita, eles comemoram feitos, homenageiam heróis e eternizam momentos. No caso particular do Exército Brasileiro, muitos selos foram emitidos para marcar centenários de batalhas, aniversários de unidades militares, homenagear patronos e figuras históricas, relembrar missões de paz e operações internacionais e comemorar eventos cívico-militares. Ao longo das décadas, os selos postais têm desempenhado papel relevante na documentação simbólica dos grandes marcos da história brasileira. Mais do que instrumentos de franqueamento, são testemunhos gráficos de valores, feitos e personagens que moldaram a identidade nacional. Neste contexto, o Exército Brasileiro, instituição secular e pilar da soberania nacional, encontra nos selos uma forma de expressão que transcende o papel e alcança o imaginário coletivo. Este livro oferece ao leitor uma oportunidade rara de contemplar a evolução da Força Terrestre brasileira sob uma perspectiva estética e documental. Cada selo apresentado é acompanhado de uma contextualização histórica que enriquece sua compreensão e revela os múltiplos significados por trás de suas imagens, datas e homenagens.



ISBN: 978-6-50229-262-4



9

786502

292624